

HIPERALÇAMENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

HYPER-RAISING IN BRAZILIAN PORTUGUESE

JAIRO NUNES

Universidade de São Paulo, Brasil
jmnunes@usp.br

Assumindo o arcabouço teórico do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2000, 2001, 2008) e a análise dos sujeitos nulos do português brasileiro (*PB*) em termos de movimento-A (e.g. Ferreira 2000, 2009 e Rodrigues 2002, 2004), este trabalho discute algumas propriedades formais de construções de hiperalçamento de sujeito e hiperalçamento de tópico em português brasileiro e apresenta uma análise dessas construções baseada em diferentes ingredientes das propostas de Ferreira (2000), Martins e Nunes (2005, 2010) e Nunes (2008, 2010, 2015, 2016, 2017, 2019).

Palavras-chave: Hiperalçamento de sujeito, hiperalçamento de tópico, português brasileiro

Assuming the general framework of the Minimalist Program (Chomsky 1995, 2000, 2001, 2008) and the analysis of null subjects in Brazilian Portuguese in terms of A-movement (e.g. Ferreira 2000, 2009 and Rodrigues 2002, 2004), this paper discusses some of the formal properties of constructions involving subject hyper-raising and topic hyper-raising in Brazilian Portuguese and presents an analysis based on different ingredients of previous proposals by Ferreira (2000), Martins and Nunes (2005, 2010) and Nunes (2008, 2010, 2015, 2016, 2017, 2019).

Keywords: Subject hyper-raising, topic hyper-raising, Brazilian Portuguese

Recibido: 11 agosto 2020

Aceptado: 09 octubre 2020

1. INTRODUÇÃO¹

A rica literatura sobre o estatuto do sujeito nulo do português brasileiro (*PB*) tem em comum a conclusão de que o *PB* não se comporta como uma língua *pro-drop* canônica, afastando-se quantitativa e qualitativamente do português europeu (*PE*). O proverbial diabo nos

¹ Gostaria de agradecer Janayna Carvalho, Cláudia Coelho, Ezekiel Panitz, Andrés Saab e o parerista de *Cuadernos de la ALFAL* por comentários e discussão sobre uma versão anterior deste artigo. Gostaria de agradecer também o apoio do CNPq (processo 303195/2019-3) durante a escrita deste trabalho.

detalhes nesse caso está na variedade de abordagens e implementações técnicas oferecidas para capturar as peculiaridades dos sujeitos nulos “referenciais” do PB (sujeitos nulos não-expletivos, não-indeterminados e que não resultam de *topic drop*; doravante, apenas *sujeitos nulos*)². Este trabalho discute uma construção do PB que veio à tona nesse debate e que é tipologicamente marcada, a saber, a construção chamada por Ferreira (2000) de *hiperalçamento*, seguindo a terminologia de Ura (1994; *hyper-raising*). Trata-se de construções como (1c), que aparentemente se configuram como uma mistura de (1a) e (1b): como (1a), envolvem um verbo “impessoal” (i.e. que não atribui papel temático ao seu sujeito) e um complemento oracional finito; como (1b), envolvem o alçamento do sujeito da subordinada para a posição de sujeito da matriz. Do ponto de vista teórico, a curiosidade de (1c) reside no fato de o alegado movimento-A estar partindo de uma posição que pode ser marcada com Caso (*cf.* (1a)) e que está dentro de um domínio que deveria ter sofrido Transfer, aparentemente violando a Condição de Atividade e a Condição de Impenetrabilidade das Fases, respectivamente (*cf.* Chomsky 2000, 2001).

1. a. Parece que o João já leu esse livro.
- b. O João parece já ter lido esse livro.
- c. O João parece que já leu esse livro.

Documentadas na literatura sociolinguística sobre o sujeito nulo em PB tanto em *corpora* de fala como de escrita (*cf. e.g.* Duarte 2004, 2007), as construções de hiperalçamento ganharam considerável proeminência dentro da abordagem minimalista que reinterpretou, em termos da Teoria de Controle por Movimento (*cf. e.g.* Hornstein 1999, 2001 e Boeckx, Hornstein e Nunes 2010), a proposta de Kato (1999) de que o sujeito nulo do PB funciona como PRO. De acordo com essa abordagem, o sujeito nulo de uma sentença como (2a) é resultante do movimento do sujeito da encaixada para a posição de [Spec,vP] da oração matriz, antes de alcançar a posição de [Spec,TP] da matriz, como simplifadamente ilustrado em (2b) (*cf. e.g.* Ferreira (2000, 2009) e Rodrigues (2002, 2004) para evidências e discussão relevante).

2. a. O João disse que já leu esse livro.
- b. [_{TP} [o João]_i [_{vP} *t*_i disse [que *t*_i já leu esse livro]]]

Ferreira (2000) argumenta que, uma vez que o sujeito nulo de sentenças como (2a) deva ser analisado como um vestígio de movimento-A, uma análise de sentenças como (1c) também em termos de movimento, como ilustrado em (3), torna-se bastante plausível. Posto de outra forma, a existência de construções de hiperalçamento em PB provê evidência independente para uma análise do sujeito nulo de (2a) como resultante de movimento.

3. [_{TP} [o João]_i [parece [que *t*_i já leu esse livro]]]

Nunes (2008) estende a noção de hiperalçamento em PB para contextos de infinitivos flexionados, o que é justificado pelo fato de infinitivos flexionados poderem atribuir Caso

² Para discussão relevante, referências e diferentes propostas, vejam-se *e.g.* Chao (1983), Moreira da Silva (1983), Negrão (1986), Galves (1987, 2001), Duarte (1993, 1995), Figueiredo Silva (1996), Kato (1999), Ferreira (2000, 2009), Kato e Negrão (2000), Modesto (2000), Rodrigues (2002, 2004), Barbosa, Duarte e Kato (2005), Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), Petersen (2011), Saab (2016), Nunes (2020), Martins e Nunes (a sair) e Kato, Martins e Nunes (a sair).

nominativo ao seu sujeito. Isso permitiu capturar de modo uniforme a importante observação de Galves (1987) de que predicados-*tough* em PB permitem também uma leitura de sujeito. Dentro dessa perspectiva, a interpretação da sentença (4a) segundo a qual o João é um mau pagador é derivada nos moldes de (4b).

4. a. O João é difícil de pagar.
b. $[_{TP} [o \text{ João}]_i [é \text{ difícil de } [t_i \text{ pagar}]]]$

Por fim, PB também conta com construções como (5a) abaixo (*cf. e.g.* Duarte 2004, 2007 e Martins e Nunes 2005), que se assemelham a (1c), mas têm a posição de sujeito da encaixada preenchida por um pronome. Seguindo Nunes (2016), chamarei casos como (5a) de construções de *hiperalçamento de tópico*, atribuindo-lhes uma estrutura nos moldes de (5b) por razões que ficarão claras adiante e distinguindo-as de construções como (1c), referidas daqui para frente como de *hiperalçamento de sujeito*.

5. a. O João parece que ele já leu esse livro.
b. $[_{TP} [o \text{ João}]_i \text{ parece que } [_{TopP} t_i [ele \text{ já leu esse livro}]]]$

Embora a descoberta empírica sobre a existência de construções como (1c), (4a) (na leitura relevante) e (5a) em PB tenha surgido no contexto da discussão sobre a propriedade da caracterização de PB enquanto língua *pro-drop* ou *não-pro-drop*, Martins e Nunes (2009) chamam a atenção para o fato de que *hiperalçamento* e *pro-drop* são propriedades distintas, não havendo nenhuma dependência implicacional entre elas. Assim, podemos encontrar as quatro possíveis combinações lógicas: [-*pro-drop*, -*hiperalçamento*], como em inglês, [+*pro-drop*, -*hiperalçamento*], como em PE, [+*pro-drop*, +*hiperalçamento*], como em romeno (*cf. e.g.* Grosu e Horvath 1984), e [-*pro-drop*, +*hiperalçamento*], como em PB³. Assumindo que o sujeito nulo

³ O parecerista deste trabalho comenta que “se *hiperalçamento* ocorre em línguas *pro-drop* (*e.g.* romeno), então *hiperalçamento* não é necessariamente evidência para sujeito nulo = A-movimento”. Há um equívoco conceitual nesse comentário. Em primeiro lugar, pode-se questionar se as construções relevantes em PB envolvem, de fato, uma operação de movimento (visão que o presente artigo defende). Mas enquanto resultante de uma operação de movimento, a categoria vazia deixada na posição de sujeito por uma operação de *hiperalçamento* é necessariamente um vestígio/cópia apagada (a não ser que se mude a noção de movimento como concebida atualmente). Em segundo lugar, o argumento de Ferreira (2000) é que se uma língua independentemente permite movimento-A para uma posição não-temática a partir da posição de sujeito de uma oração finita, deveria em princípio permitir também movimento-A para posição temática a partir da mesma configuração, assumindo que movimento para posição temática é um operação legítima, como defendido pela Teoria de Controle de Movimento (*cf. e.g.* Hornstein 1999, 2001 e Boeckx, Hornstein e Nunes 2010). Ou seja, a correlação relevante diz respeito à configuração estrutural a partir da qual movimento-A pode ocorrer e a argumentação de Ferreira é que orações finitas em PB podem ser transparentes para movimento-A, independentemente de o alvo do movimento ser uma posição temática ou não. No caso específico do romeno (o mesmo vale para o grego, que também é uma língua *pro-drop*), *hiperalçamento* ocorre a partir de orações subjuntivas, como ilustrado em (i) abaixo. De acordo com a argumentação de Ferreira, deveríamos, então, esperar que orações subjuntivas em romeno e grego pudessem também permitir controle finito (ou seja, movimento-A para uma posição temática). As sentenças em (ii) mostram que essa previsão se confirma em ambas as línguas. Para maiores detalhes e discussão relevante, *cf.* Boeckx, Hornstein e Nunes (2010: seção 4.4.1)).

(i) a. Copiii tăi par să fie foarte obosiți, (romeno, *cf.* Dobrovie-Sorin 1994)
children your seem.3PL that be.SUBJ.3PL very tired
Your children seem to be very tired.’

b. Ta pedhia dhen fenonte na oulevoun. (grego, *cf.* Alexiadou e Anagnostopoulou 1998)

do PB (ver qualificação acima) pode ser resultante de movimento-A (*cf.* Nunes (2020), Martins e Nunes (a sair) e Kato, Martins e Nunes (a sair) para discussão relevante), nas seções que se seguem discuto algumas propriedades formais das construções de hiperalçamento em PB que, na minha opinião, estão adequadamente estabelecidas e analisadas e outras que ainda carecem de uma análise satisfatória. Restrições de espaço impedem uma comparação do PB com outras línguas que admitem hiperalçamento.

O trabalho está organizado da seguinte forma. Começando por teses negativas, na seção 2 discuto o que construções como (1c), (4a) (na leitura relevante) e (5a) não são, excluindo análises alternativas. Na seção 3, apresento uma análise baseada em diferentes ingredientes das propostas de Ferreira (2000), Martins e Nunes (2005, 2010) e Nunes (2008, 2010, 2015, 2016, 2017, 2019 e 2020). A seção 4, por fim, conclui o trabalho.

2. EXCLUINDO ANÁLISES ALTERNATIVAS

2.1. Predicados de hiperalçamento não atribuem papel- θ aos seus sujeitos

Uma hipótese que pode ser prontamente descartada é a de que os predicados que admitem hiperalçamento atribuem um papel temático ao seu sujeito. Nas construções envolvendo *parecer*, por exemplo, esse verbo teria a interpretação de ‘assemelhar-se’ ou ‘ter a aparência de’ (*cf.* Modesto 2011). Mesmo assumindo, para efeito de discussão, um esgarçamento da noção de aparência para acomodar sentenças como (1c) e (5a), isso não seria possível em casos como (6) abaixo, que envolve hiperalçamento de uma parte de expressão idiomática (*cf.* Martins e Nunes 2005). Na interpretação relevante, (6) não está falando da aparência da vaca, pois nem de vaca se está falando. Considerações semelhantes se aplicam a construções de hiperalçamento com outros predicados (*cf.* Nunes 2019). (7), por exemplo, de maneira alguma implica que os atletas do nosso time acabaram e (8) não é uma proposição contraditória, o que seria o caso se *fácil* em (8) atribuísse papel temático ao sujeito de sua oração.

6. *A vaca parece que foi pro brejo.*

7. Os atletas do nosso time *acabaram* que perderam a medalha de ouro.

8. [*Contexto: As provas dos dois últimos anos foram bem fáceis, mas a comissão avaliadora estava estudando algumas mudanças. Portanto, ...*]

As provas deste ano são bem *fáceis* de estarem difíceis.

-
- the children not seem.3PL SUBJ work.3PL
 ‘The children do not seem to work.’
- (ii) a. Ion vrea să plece devreme mâine. (romeno, *cf.* Dobrovie-Sorin 1994)
 Ion want.3SG that leave.SUBJ.3SG early tomorrow
 ‘Ion wants to leave early tomorrow’
- b. I Maria prospathise na divasi. (grego, *cf.* Terzi 1997)
 the Maria tried.3SG SUBJ read.3SG
 ‘Maria tried to read.’

2.2. Hiperálçamento não envolve movimento-A'

Uma outra possibilidade a ser excluída é que sentenças como (1c) envolvam movimento do sujeito da encaixada para uma posição-A' (possivelmente uma posição de tópico), à semelhança de sentenças como (9) em PE, em que *eles* concorda com o verbo da encaixada e o verbo da matriz presumivelmente concorda com um expletivo nulo (cf. Martins e Nunes 2005).

9. PE:

Eles *parece* que vão viajar.

Ferreira (2000) apresenta dois argumentos contra a hipótese de que o elemento hiperálçado aterrisse numa posição de tópico e não no [Spec,TP]: (i) o sujeito movido desencadeia concordância com verbo da matriz, como ilustrado em (10) abaixo, e (ii) expressões que são refratárias à topicalização, como pronomes fracos e expressões quantificadas, admitem hiperálçamento, conforme respectivamente exemplificado em (11a-a') e (11b-b'). Martins e Nunes (2005) também acrescentam que o mesmo tipo de contraste é detectado com expressões idiomáticas, que, como ilustrado em (11c-c'), não são topicalizáveis, mas podem sofrer hiperálçamento⁴.

10. Os meninos *parecem* que já leram esse livro.

11. a. **Cê*, a professora disse que já leu esse livro.

a'. *Cê* parece que já leu esse livro.

b. **Ninguém*, a professora disse que leu esse livro.

b'. *Ninguém* parece que leu esse livro.

c. **O pau*, o João disse que *comeu feio*.

c'. *O pau* parece que *comeu feio*.

Evidência adicional para essa conclusão é fornecida pelo contraste em (12) abaixo (cf. Martins e Nunes 2010). Tendo em conta o pressuposto padrão dentro do Programa Minimalista de que concordância está associada a posições-A (cf. e.g. Chomsky 1995), a ausência de concordância em (12a) indica que *esses senadores* ocupa uma posição-A'. Sendo assim, a coindexação entre *esses senadores* e *o idiota* em (12a) não torna o epíteto A-ligado e a sentença está em conformidade com o Princípio C da Teoria de Ligação. Se a concordância com o verbo da matriz de construções como (10) pudesse ser excepcionalmente determinada a partir de uma posição-A' acima de TP, a sentença (12b) poderia ser gerada por uma derivação com hiperálçamento de tópico nos moldes de (5b), mas com o tópico movido aterrisando na

⁴ O parecerista apresenta as sentenças em (i) abaixo, comentando que parece que o encaixamento da estrutura de hiperálçamento, como em (ic), “destrói a leitura idiomática”. Devo registrar que, no meu julgamento, (ic) admite a leitura idiomática relevante e outros falantes nativos consultados também confirmaram a aceitabilidade da leitura idiomática tanto em (ic), como na estrutura análoga em (ii). No momento, não disponho de nenhuma explicação para julgamentos como o do parecerista.

- (i) a. O João disse que a vaca foi pro brejo.
 b. O João disse que parece que a vaca foi pro brejo.
 c. O João disse que a vaca parece que foi pro brejo.
 (ii) A Maria disse que o gato parece que subiu no telhado.

posição-A' ativada em (12a). A inaceitabilidade de (12b) mostra, no entanto, que isso não é possível, o que, por sua vez, indica que o DP hiperalçado aterrissa em [Spec,TP], tornando o epíteto da encaixada A-ligado e violando o Princípio C⁵.

12. a. [[Esses senadores]_i, *parece* que [os idiotas]_i vão ser reeleitos]
 b. *[[Esses senadores]_i, *parecem* que [os idiotas]_i vão ser reeleitos]

Os fatos em (10)-(12) são, portanto, indicativos de que o alvo do DP que sofre hiperalçamento é o [Spec,TP] da oração subordinante e não uma posição-A' mais alta.

2.3. O DP da matriz não é gerado em [Spec,TP]

Assumindo que o sujeito da oração matriz de construções de hiperalçamento se superficializa em [Spec,TP], como argumentado na seção 2.2, a próxima possibilidade a ser eliminada é que esse sujeito seja gerado nessa posição. Essa possibilidade encontra ressonância no trabalho seminal de Pontes (1987), que mostrou que o PB admite o que parece envolver concordância com tópicos, como ilustrado em (13).

13. a. Os relógios, o ponteiro quebrou.
 b. Os relógios *quebraram* o ponteiro.

(13a) envolve um tópico, seguido do sujeito. Na ausência de anteposição do sujeito, como em (13b), o próprio tópico pode controlar a concordância verbal. Assim, a concordância em (10) poderia ser tida como mais uma instância do padrão observado em (13b), com um tópico sendo gerado em [Spec,TP], determinando a concordância verbal e se movendo para uma posição de tópico acima de TP, à semelhança de (13a). Essa foi, de fato, a análise oferecida por Martins e Nunes (2005) para construções com hiperalçamento de tópico como (14).

14. Esses professores *parecem* que eles não gostam da Maria.

As aparências são, no entanto, enganosas e há razões para se sustentar que uma análise nesses termos está equivocada, seja para construções como (13b), seja para hiperalçamento de

⁵ Cumpre aqui fazer algumas observações sobre (12). A literatura tem debatido se a interpretação de epítetos deve ser descrita em termos essencialmente sintáticos (*cf. e.g.* Lasnik 1976), essencialmente pragmáticos (levando em conta logoforicidade, por exemplo; *cf. e.g.* Dubinsky e Hamilton 1998) ou em termos da interação entre condicionamentos de natureza sintática e semântico-pragmática (*cf. e.g.* Patel-Grosz 2012). Para efeito de simplificação, o contraste em (12) foi aqui apresentado assumindo, seguindo Lasnik (1976), que epítetos são expressões-R e devem, portanto, estar sujeitos ao Princípio C da Teoria de Ligação. A relevância do contraste independe, no entanto, de sua análise em termos do Princípio C e é, de fato, compatível com qualquer análise que torne a interpretação de epítetos em PB sensível a antecedentes concordantes (Note-se que (12a) e (12b) não diferem em termos de logoforicidade, por exemplo, estando ambas as sentenças apresentadas sob a perspectiva do falante e não sob a perspectiva dos senadores). Também cabe observar que ao contrário do que ocorre em espanhol, uma sentença como (12a) não tem a interpretação de um *hanging topic* em PB. Finalmente, a inaceitabilidade de (12b) não deve ser atribuída à impossibilidade de redobro com epítetos, como é o caso de construções de CLLD em espanhol, pois, como veremos na seção 2.7 abaixo, hiperalçamento de tópico em PB não envolve redobro. A derivação de (12b) a ser excluída, portanto, é a esquematizada em (i) abaixo, em que *esses senadores* é gerado na posição de tópico na oração encaixada e se move para o [Spec,TP] da matriz, à semelhança do que ocorre em (5b). Agradeço a Andrés Saab (c.p.) por seus comentários acerca do contraste em (12).

(i) *_{[TP} [esses senadores]_i *parecem* que _{[TopP} *t_i* [[os idiotas]_i vão ser reeleitos]]]

sujeito como em (10) e hiperalçamento de tópico como em (14). Galves (1998) observou que em PB um tópico geralmente pode ser retomado por um pronome resumptivo, como em (15a), mas não quando é o controlador da concordância verbal (local), como em (15b).

15. a. [os relógios]_i, quebrou o ponteiro *deles*_i
 b. *[os relógios]_i quebraram o ponteiro *deles*_i

Isso sugere que, abstratamente, *os relógios* e *eles* competem pela mesma posição em (15b), mas não em (15a). Essa relação de distribuição complementar em (15b) pode ser explicada se assumirmos com Chomsky (2000, 2001) que a concordância verbal se dá numa relação de sonda-alvo. Assim sendo, para que a concordância com *os relógios* ocorra, em algum ponto da derivação T deve c-comandar *os relógios*. Em (13b), essa condição pode ser satisfeita se *os relógios* for gerado numa posição interna ao VP, como esquematizado em (16a) abaixo, antes de se mover para [Spec,TP], como representado em (16b) (cf. Nunes 2017 para detalhes). Por outro lado, assumindo que um tópico e o pronome que o retoma não são gerados numa configuração de redobro em PB (cf. seção 2.7 abaixo), a posição interna relevante em (15b) encontra-se ocupada pelo pronome e *os relógios* é gerado fora do domínio de sondagem de T; segue-se daí a impossibilidade da concordância em (15b).

16. a. [T_{ϕ} [quebr- [o ponteiro [*os relógios*] _{ϕ}]]]
 |
 b. [[os relógios]_i T [*quebraram* [o ponteiro t_i]]]

O contraste em (15) mostra, portanto, que um elemento tem de ser c-comandado por T em algum ponto da derivação para poder determinar a concordância no verbo, mesmo quando for informacionalmente interpretado como um tópico de *aboutness*. *Mutatis mutandis*, a conclusão é que o DP *os meninos* em (10) e o DP *esses professores* em (14) são gerados numa posição c-comandada pelo T da oração matriz e passam a ocupar a posição de [Spec,TP] matriz via movimento. Como não há nenhuma posição plausível na oração matriz em que esses DPs possam ser gerados, a conclusão é que seu movimento foi desencadeado de uma posição interna à oração encaixada. Ou seja, trata-se de instâncias de hiperalçamento.

Evidência independente de que a derivação de construções de hiperalçamento de sujeito envolve movimento a partir da oração encaixada é provida por efeitos de ilha e minimalidade na oração encaixada (cf. Nunes 2008). Uma vez que PB não admite pronomes resumptivos nulos na posição de sujeito (cf. e.g. Ferreira 2000), prevê-se que um DP na posição de sujeito de uma ilha relativa como em (17a) abaixo, por exemplo, não possa sofrer hiperalçamento. A inaceitabilidade de (17b) mostra que esta previsão está correta. De modo similar, um tópico na encaixada, como em (18a), que é portador de traços- ϕ /Caso e c-comanda o sujeito encaixado, deveria em princípio impedir hiperalçamento e isso de fato é o que ocorre, como verificamos pela inaceitabilidade de (18b) (cf. seção 2.9 abaixo).

17. a. Parece que a comida [que alguém comeu] estava estragada.
 b. *Alguém parece que a comida [que comeu] estava estragada.
 18. a. Parece que o bolo, alguém comeu.
 b. *Alguém parece que o bolo, comeu.

Por fim, consideremos o contraste entre as construções com hiperalçamento de tópico em (19) (cf. Nunes 2016)⁶.

19. a. *Esses relógios *parecem* que *quebraram* o ponteiro deles
 b. Esses relógios *parecem* que *quebrou* o ponteiro deles

A concordância de *quebraram* em (19a) requer que o DP *esses relógios* tenha sido gerado numa posição em que pudesse ser sondado pelo T da encaixada. A única posição possível seria a associada ao objeto de *ponteiro*, mas essa posição já está ocupada pelo pronome *eles*. Em outras palavras, (19a) simplesmente replica o padrão de (15b). Já em (19b), há uma posição em que *esses relógios* pode ser gerado que permite sondagem pelo núcleo T da oração matriz, a saber, a posição de tópico na oração encaixada, como ilustrado em (20a) abaixo. Novamente, chegamos à conclusão de que o sujeito de construções de hiperalçamento de tópico não é gerado na posição em que se encontra, mas chega até essa posição via movimento, como esquematizado em (20b).

20. a. [_{T ϕ} parece- [_{CP} que [_{TopP} [_{os relógios}] _{ϕ} [_{TP} *pro*_{expl} quebrou [o ponteiro deles]]]]]
 |
 b. [[os relógios]_i T *parecem* [_{CP} que [_{TopP} *t*_i [_{TP} *pro*_{expl} quebrou [o ponteiro deles]]]]]

2.4. O sujeito nulo encaixado não é *pro*

A discussão da sessão 2.3 levou à conclusão de que construções de hiperalçamento envolvem movimento-A a partir da oração encaixada. No caso específico de construções de hiperalçamento de sujeito como (1c), a posição de sujeito da encaixada deve estar, portanto, ocupada por um vestígio, como representado em (3), e não por um *pro*. Efeitos de reconstrução vêm corroborar essa conclusão (cf. Nunes 2008). A interpretação idiomática das sentenças de (21), por exemplo, pode ser obtida em consonância com a assunção de que expressões idiomáticas devem corresponder a constituintes sintáticos, se a posição de sujeito da encaixada contiver um vestígio do DP movido (i.e., uma cópia apagada em PF, mas disponível para interpretação em LF), como respectivamente esquematizado em (22)⁷.

21. a. A cobra parece que vai fumar.
 b. O caldo tá fácil de entornar.
 22. a. [[a cobra] parece que [~~a cobra~~ vai fumar]]
 b. [o caldo] tá fácil de [~~o caldo~~ entornar]]

⁶ (19a) é aceitável em PB se o sujeito de *quebrar* for interpretado como um indefinido nulo de terceira pessoa do plural. A leitura relevante de (19a) para a presente discussão é a em que *os relógios* é o controlador da concordância de ambos os verbos.

⁷ O parecerista observa que o hiperalçamento de *a cobra* em (i) gera um resultado inaceitável, com o que eu concordo. Minha sugestão é que o tempo expresso no auxiliar (*a cobra vai fumar*) também faz parte da expressão idiomática, como indica a inaceitabilidade das sentenças de (ii). A inaceitabilidade de (i), então, se reduz à inaceitabilidade de (ii), não estando relacionada a hiperalçamento.

(i) *A cobra tá difícil de fumar.
 (ii) a. *A cobra fumou.
 b. *A cobra sempre fuma no começo do semestre.
 c. *A cobra nem ia fumar!

Considerações semelhantes se aplicam a itens de polaridade negativa. O contraste entre (23a) e (23b) abaixo, por exemplo, mostra que o minimizador *um dedo* tem de ser licenciado por um elemento negativo em sua oração. A inesperada aceitabilidade de (24a), em que o minimizador está licenciado por um elemento negativo fora de sua oração, encontra explicação se o hiperalçamento de *ninguém* deixar um vestígio na oração encaixada, como representado em (24b)⁸.

23. a. A Maria disse [que *ninguém* ia mexer *um dedo* para me ajudar]
 b. **Ninguém* disse [que a Maria ia mexer *um dedo* para me ajudar]
24. a. *Ninguém* parecia [que ia mexer *um dedo* para me ajudar]
 b. [ninguém parecia [que ~~*ninguém*~~ ia mexer *um dedo* para me ajudar]]

Observe-se que um pronome ligado pelo sujeito da matriz não permite o licenciamento da expressão idiomática ou do minimizador na encaixada, como ilustrado em (25) (nas leituras relevantes), corroborando a ideia de que construções de hiperalçamento não envolvem *pro* na posição de sujeito da encaixada.

25. a. *[A cobra]_i parece que ela vai fumar.
 b. *[O caldo]_i tá fácil dele_i entornar.
 c. *[Nenhum aluno]_i parecia que ele_i ia mexer um dedo para me ajudar

2.5. Hiperalçamento não é pseudoalçamento

Modesto (2011) sugere que construções de hiperalçamento em PB possam ser analisadas em termos de “ligação forte”, nos moldes da análise de Rooryck e Costa (2000) para construções semelhantes do PE envolvendo o que denominaram de *pseudoalçamento* (*pseudo-raising*). Deixando de lado os detalhes da análise de Rooryck e Costa para essas construções, gostaria de registrar aqui algumas diferenças substanciais entre hiperalçamento em PB e

⁸ O parecerista aponta a aceitabilidade de sentenças como (i) abaixo, em que a negação na matriz licencia um minimizador na encaixada, e levanta a possibilidade de que o contraste entre (23) e (24) seja na verdade devido a uma maior porosidade da encaixada de *parecer* para o estabelecimento de relações semânticas interoracionais. Concordo parcialmente com o parecerista. Complementos de *parecer* são ambientes mais transparentes, que permitem alçamento de negação (*neg raising*), como ilustrado pela relação de paráfrase entre as sentenças de (ii). Essa porosidade, no entanto, não implica que uma expressão negativa gerada na oração matriz possa licenciar um item de polaridade negativa na encaixada. O advérbio *nunca*, por exemplo, não é compatível com alçamento de negação, como se vê pela diferença de significado entre as sentenças de (iii) e, consoantemente, não licencia um minimizador na encaixada, como ilustrado em (iv). Em outras palavras, um elemento negativo na oração matriz só licencia um item de polaridade negativa na encaixada se tiver sido alçado da encaixada – exatamente o que a construção de hiperalçamento em (24) evidencia.

- (i) a. O João não parece que vai mexer um dedo pra te ajudar.
 b. Não me parece que o João vai mexer um dedo pra te ajudar.
- (ii) a. Parece que não vai chover.
 b. Não parece que vai chover.
- (iii) a. Parece que nunca vai chover.
 b. Nunca parece que vai chover.
- (iv) a. Parecia que a Maria nunca ia mover *uma palha* pra te ajudar.
 b. *Nunca parecia que a Maria ia mover *uma palha* pra te ajudar.

pseudoalçamento em PE, que deixam claro tratar-se de dois fenômenos distintos (cf. Nunes 2019).

De acordo com Rooryck e Costa, nas construções de pseudoalçamento em PE, o verbo da encaixada tem de ser “predicativo”, como ilustrado em (26); o sujeito da matriz apresenta restrições de definitude, como ilustrado em (27); e qualquer pronome pode ser o sujeito, como exemplificado em (28) com os pronomes *eu* e *nós*.

Pseudoalçamento em PE (Rooryck e Costa 2000):

26. a. Tu pareces que *estás* parvo.
b. *Tu pareces que *comes* o bolo.
27. a. **Umas* meninas parecem que estão doentes.
b. *As* meninas parecem que estão doentes.
28. a. *Eu* pareço que estou feliz.
b. *Nós* parecemos que estamos felizes.

Já hiperalçamento em PB exhibe propriedades opostas: a oração encaixada pode conter tanto verbos de ligação quanto verbos eventivos, como exemplificado em (29); não há efeito de definitude em relação ao sujeito da matriz, como se vê em (30); e nem todo pronome pode ser o sujeito dessas construções (cf. seção 3.1 abaixo) – em particular os falantes se dividem quanto ao julgamento de (31a) com o pronome *eu* e rejeitam construções análogas com *nós*, como ilustrado em (31b).

Hiperalçamento em PB:

29. a. Eles parecem que *continuam* doentes.
b. O João acabou que *comeu* feito uma draga.
30. a. *Umas* alunas parecem que foram reprovadas.
b. *As* alunas parecem que vão viajar.
31. a. %*Eu* pareço que perdi uma grande oportunidade.
b. **Nós* parecemos que tomamos a decisão certa.

Além disso, como observam Martins e Nunes (2005), expressões idiomáticas podem ser alvo de hiperalçamento em PB, mas não em PE, como ilustrado em (32) e (33):

32. *PB:*
a. Parece que *o circo* pegou fogo.
b. *O circo* parece que pegou fogo.
33. *PE:*
a. Parece que *a formiga* já tem catarro.
b. **A formiga* parece que já tem catarro.

2.6. Hiperálçamento de tópicos não é *copy raising*

Construções com hiperálçamento de tópicos como (34) assemelham-se a construções como (35) em inglês, denominadas na literatura de *copy raising*⁹.

34. *Os professores* parecem que *eles* não saíram de férias.
 35. *Mary* seems like *she*'s smart.

Entretanto, como observado por Martins e Nunes (2005, 2010), quantificadores, partes de expressões idiomáticas e DPs clivados podem participar de *copy raising*, mas não de hiperálçamento de tópicos, como respectivamente ilustrado abaixo em (36)-(38)¹⁰. Além disso, Fujii (2007) reporta que movimento-*wh* em construções com *copy raising* como em (39a) produz um resultado aceitável e isso não é o que ocorre com hiperálçamento de tópicos, como se vê em (39b)¹¹.

36. a. *Someone* seemed as if *he* was tired.
 b. **Algum* aluno parecia que *ele* ia viajar
 37. a. *The cat* seems as if *it* was out of the bag. (Rogers 1971)
 b. **A vaca* parece que *ela* vai pro brejo.
 38. a. It was *John* who seemed as if *he* was tired.
 b. *Eram *aqueles alunos* que pareciam que *eles* iam ser premiados.
 39. a. What did *John* seem like *he* liked?
 b. *O que o *João* parece que *ele* comprou?

Essas diferenças podem ser explicadas se as construções de *copy raising* acima envolverem movimento a partir do [Spec,TP] da encaixada, como argumentado por Fujii (2007), e se hiperálçamento de tópicos envolver movimento a partir de uma posição de tópicos na encaixada (cf. seção 3.5 abaixo), como defendido por Martins e Nunes (2010) e Nunes (2016). Em suma, *copy raising* e hiperálçamento de tópicos são fenômenos distintos.

⁹ Para revisão da literatura e uma proposta no contexto da teoria de movimento por cópia, veja-se Fujii (2007).

¹⁰ O parecerista pergunta se a sentença (36b) não deveria ser independentemente excluída pela Restrição de Montalbetti. A resposta é negativa tanto do ponto de vista empírico, quanto teórico. Sentenças como (ia), análogas a (36b), são plenamente aceitáveis em PB. Mas importante ainda, a ausência do pronome ligado na sentença (ib) (cf. Ferreira 2000) produz um resultado inaceitável em PB, na interpretação relevante. Como argumentado por Ferreira (2000, 2009), o padrão em (i) está compatível com a Restrição de Montalbetti se não houver *pro* disponível para a posição de sujeito da oração encaixada. Dito de outra forma, as sentenças em (i) satisfazem vacuamente a Restrição de Montalbetti em virtude de PB não se comportar como uma língua *pro-drop* nos aspectos relevantes.

(i) a. [*Algum aluno*]_i me disse que *ele*_i ia faltar na próxima aula.
 b. [*Nenhum aluno*]_i acha que a Maria disse que *(*ele*_i) é inteligente.

¹¹ O parecerista observa que, em seu julgamento, a sentença (i) abaixo é inaceitável. Não encontrei nenhum falante nativo de PB que compartilhasse desse julgamento. Todos os falantes nativos consultados consideraram a sentença em (i) plenamente aceitável, contrastando com (39b) (o mesmo vale para as sentenças em (82) abaixo). Não tenho explicação para esse julgamento do parecerista.

(i) O que o João parece que comprou?

2.7. Hiperálçamento de tópicu não envolve redobro

Outra possibilidade a ser descartada é que construções de hiperálçamento de tópicu envolvam um “big DP” (cf. e.g. Uriagereka 1995), com o pronome da encaixada sendo redobrado pelo DP que se move para o sujeito da matriz. Em construções de redobro, o elemento redobrado, se pronominal, tem de ser uma forma forte, no sentido de Cardinaletti e Starke (1999). O clítico *a* de PE em (40a), por exemplo, pode retomar um ente humano ou não humano, mas se for redobrado, como em (40b), só pode se referir a uma pessoa, pois redobro requer uma forma forte e pronomes fortes são sempre [+hum] (cf. Kato, Martins e Nunes (a sair) para discussão relevante).

40. PE:
 a. O João deixou-*a* em casa.
 b. O João deixou-*a* a *ela* em casa.

Entretanto, como apontado por Martins e Nunes (2005), pronomes fracos podem participar de construções de hiperálçamento de tópicu. Em (41a) abaixo, por exemplo, temos hiperálçamento com o pronome *cê*, que é a forma fraca correspondente a *você* (cf. Petersen 2008), e em (41b) temos a versão fraca do pronome *ele*, já que podemos ter tanto a interpretação [+hum] (p.e. *ele* = *o João*) quanto [-hum] (p.e. *ele* = *o prédio*). Isso indica que, em construções de hiperálçamento de tópicu, o sujeito da matriz e o pronome que o retoma são gerados independentemente um do outro e não numa relação de redobro.

41. a. *Cê* parece que *cê* tá com um problema.
 b. *Ele* parece que *ele* foi fotografado ontem.

2.8. Hiperálçamento de tópicu não requer localidade entre o sujeito e o pronome ligado

Martins e Nunes (2005) apontaram um contraste de aceitabilidade em (42), julgando (42b) como inaceitável quando comparado a (42a), e atribuíram o aparente contraste a um requerimento de localidade entre o sujeito da matriz e o pronome que o retoma.

42. a. *Esses professores* parecem que *eles* gostam da Maria.
 b. *Esses professores* parecem que a Maria gosta *deles*.

Essa generalização está, no entanto, equivocada. Embora (42b) possa soar menos natural que (42a) em contextos *out of the blue*, Martins e Nunes (2010) e Nunes (2016) mostram que, na verdade, não existe esse requerimento de localidade entre o sujeito da matriz e o pronome que o retoma. Sentenças mais complexas como as de (43) abaixo, por exemplo, não apresentam localidade entre o DP sujeito e o pronome e são julgadas aceitáveis. Em (43a), por exemplo, o pronome se encontra dentro de uma oração relativa dentro do sujeito da subordinada. Observe-se também que o pronome pode ser nulo, como ilustrado em (44). A generalização que emerge é que efeitos de ilha e localidade são observados para o movimento envolvido em hiperálçamento (cf. (17) e (18)), mas não para a relação entre um tópicu e um pronome que o retoma. Se uma relação entre tópicu e pronome na encaixada for bem formada e não houver barreiras a partir da posição de tópicu, hiperálçamento do tópicu é possível em PB. Esse é exatamente o caso das

sentenças de (42)-(44). A relação tópico-pronome requerida na encaixada é bem formada, como podemos ver em (45), e não há nenhuma barreira para o movimento da posição de tópico da encaixada para a posição de sujeito da matriz.

43. a. *Esses carros* parecem que [as pessoas que compraram *eles*] se arrependeram
 b. *Aqueles livros* parecem que [as páginas *deles*] ficaram emboloradas
 c. *Esses barcos* parecem que [o tamanho da hélice do motor *deles*] diminuiu
44. a. *Esses carros* parecem que [as pessoas que compraram *pro*] se arrependeram
 b. *Aqueles livros* parecem que [as páginas *pro*] ficaram emboloradas
 c. *Esses barcos* parecem que [o tamanho da hélice do motor *pro*] diminuiu
45. a. *Esses professores, eles* gostam da Maria.
 b. *Esses professores, a Maria* gosta *deles*.
 c. *Esses carros*, [as pessoas que compraram *eles/pro*] se arrependeram
 d. *Aqueles livros*, [as páginas *deles/pro*] ficaram emboloradas
 e. *Esses barcos*, [o tamanho da hélice do motor *deles/pro*] diminuiu

2.9. Hiperálçamento não passa por [Spec,CP]

Ferreira (2000) observa que um sujeito nulo dentro de uma interrogativa encaixada em PB produz resultados diferentes a depender do elemento que ocupa [Spec,CP], como ilustrado em (46a-b) abaixo. A sentença é aceitável se [Spec,CP] é ocupado por um adjunto (cf. (46a)), mas marginal se ocupado por um argumento (cf. (46b)). Ferreira também aponta que o mesmo tipo de contraste surge em relação a um tópico na encaixada, como exemplificado em (46c-d), com inaceitabilidade acentuada no caso de o tópico ser um argumento. A explicação oferecida por Ferreira está calcada em minimalidade relativizada: assumindo que o sujeito da encaixada está se movendo para uma posição temática (o [Spec, vP] da matriz), apenas potenciais recebedores de papel temático deveriam contar como intervenientes para efeito de minimalidade. Assim, o movimento do sujeito é bloqueado pelos argumentos *que livro* e *esse livro* em (46b) e (46d), mas não pelos adjuntos *quando* e *amanhã* em (46a) e (46c).

46. (adaptado de Ferreira 2000)
- a. [[O João]_i não sabe [*quando* \emptyset _i leu esse livro]]
 b. ??[[O João]_i não sabe [[*que livro*] \emptyset _i comprou na semana passada]]
 c. ?[[O João]_i disse [*que amanhã* \emptyset _i vai viajar pra Europa]]
 d. *[[O João]_i disse que [[*esse livro*], \emptyset _i leu na semana passada]]

Nunes (2010) mostra que o contraste envolvendo controle finito visto em (46) também existe em construções de hiperálçamento, como ilustrado em (47) abaixo, mas levanta dúvidas sobre a proposta de Ferreira de que um elemento em [Spec,CP] possa ser computado como um interveniente para o movimento do sujeito da encaixada, pois outras construções apresentam um passo derivacional semelhante ao visto em (46b), mas produzem sentenças bem formadas, como exemplificado em (48) e (49).

47. a. [[O João]_i parece [que *amanhã* *t_i* vai viajar]]
 b. *[[O João]_i parece [que [*o bolo*], *t_i* comeu]]
48. a. [John_k [_{vP} *t_k* wondered [_{CP} *what_i* [_{TP} *t_k* to do *t_i*]]]]
 b. [_{CP} *What_i* did [_{TP} John_k [_{vP} *t_k* try [_{CP} *t_i* C [_{TP} *t_k* to do *t_i*]]]]]]
49. a. [_{CP} [O *que*]_i [_{TP} [o João]_k [_{vP} *t_k* disse [_{CP} *t_i* que [_{TP} *t_k* comeu *t_i*]]]]]]
 b. [_{CP} [O *que*]_i [_{TP} [o João]_k [_{vP} parece [_{CP} *t_i* que [_{TP} *t_k* comeu *t_i*]]]]]]

Assumindo-se a Teoria de Controle por Movimento (*e.g.* Hornstein 1999, 2001 e Boeckx, Hornstein e Nunes 2010), as estruturas de controle obrigatório de (48) em inglês envolvem movimento do sujeito encaixado para o [Spec,_{vP}] da matriz num passo derivacional em que [Spec,_{CP}] está preenchido. O mesmo ocorre em PB com sentenças como as de (49), com controle finito e hiperalçamento, respectivamente.

Nunes (2010) oferece uma análise alternativa embasada no contraste entre (46b) e (46d), notado por Ferreira (2010). Mais especificamente, Nunes propõe que [Spec,_{CP}] não induz efeito de minimalidade para movimento-A, mas [Spec,_{TopP}], sim. Isso explicaria por que as sentenças em (46a), (48) e (49) são aceitáveis, mas não as sentenças de (46d) e (47b) ((46c) e (47a) poderiam envolver adjunção a TP). Já em relação a (46b), Nunes sugere que C interrogativo em PB obrigatoriamente seleciona uma projeção de TopP acima de TP, de modo que o aparente efeito de intervenção em (46b) não se deveria ao elemento interrogativo em [Spec,_{CP}], mas ao seu vestígio deixado em [Spec,_{TopP}]. Deixando de lado uma discussão dos detalhes dessa proposta para a seção 3.5 abaixo, o relevante para a presente discussão é a questão de por que deveria haver diferença entre [Spec,_{CP}] e [Spec,_{TopP}] em relação ao efeito de intervenção. Nunes levanta a possibilidade de que isso se deve ao fato de C ser um núcleo de fase e, enquanto tal, poder receber um traço-EPP (*cf.* Chomsky 2000, 2001), permitindo que o movimento do sujeito passe por [Spec,_{CP}] (um [Spec,_{CP}] externo se já tiver havido movimento-*wh*)¹².

O problema de se tentar derivar controle finito e hiperalçamento via movimento para [Spec,_{CP}] é que a análise acaba permitindo sentenças inaceitáveis. Consideremos as derivações de (50a) e (51a) abaixo, simplificada e representadas em (50b) e (51b), por exemplo. Se o movimento-A que ancora controle finito e hiperalçamento pudesse proceder via [Spec,_{CP}], nada em princípio deveria excluir que a borda de _{vP} também fosse utilizada como posição de passagem. Assim, o DP *a Maria* em (50b) poderia se mover da posição de sujeito da oração mais encaixada para a posição de [Spec,_{vP}] da matriz, onde receberia o papel temático de argumento externo de *achar*, passando nesse caminho pelos dois [Spec,_{CP}] encaixados e pela borda do _{vP} associado a *dizer*. Da mesma forma, *ninguém* em (51b) poderia alcançar a posição de [Spec,_{TP}] da matriz, passando pelas mesmas posições de pouso intermediário. Como as sentenças de (50a) e (51a) são inaceitáveis, a conclusão a que chegamos é que hiperalçamento e controle finito não podem ser derivados via movimento para [Spec,_{CP}] (e borda de fase, de modo geral).

50. a. *A Maria acha que o Pedro disse que está grávida.
 b. [_{TP} [a Maria]_i [_{vP} *t_i* acha [_{CP} *t_i* que [_{TP} [o Pedro]_k [_{vP} *t_k* [*t_k* disse [_{CP} *t_i* que [_{TP} *t_k* está grávida]]]]]]]]]]

¹² Para uma outra análise de hiperalçamento em PB em termos de movimento via [Spec,_{CP}], veja-se Pires e Nediger (2018).

51. a. *Ninguém parece que o Pedro disse que viajou.
 b. [_{TP} ninguém_i [_{VP} *t_i* parece [_{CP} *t_i* que [_{TP} [o Pedro]_k [_{VP} *t_i* [_{t_k} disse [_{CP} *t_i* que [_{TP} *t_i* viajou]]]]]]]]]

2.10. Hiperálçamento de sujeito e hiperálçamento de tópicos não são o mesmo fenômeno

Construções de hiperálçamento de sujeito e de hiperálçamento de tópicos apresentam diferenças sistemáticas que impedem que uma construção seja reduzida à outra. Martins e Nunes (2010) registram que, ao contrário de hiperálçamento de sujeito, hiperálçamento de tópicos é incompatível com expressões idiomáticas, expressões quantificadas e clivagem e também bloqueia movimento-*wh*, como respectivamente ilustrado em (52a-d) abaixo. Além disso, Nunes (2008) observa que hiperálçamento de tópicos é menos sensível ao tipo de pronome alçado que hiperálçamento de sujeito. Por exemplo, falantes que não permitem hiperálçamento de sujeito com o pronome *eu* (entre os quais eu me incluo) admitem hiperálçamento de tópicos com esse pronome, como ilustrado em (52e).

52. a. A cobra parece que (**ela*) vai fumar.
 b. Dois alunos parecem que (**eles*) foram contratados.
 c. São esses atletas que parecem que (**eles*) vão ser homenageados.
 d. Que livro o João parece que (**ele*) leu?
 e. Eu pareço que *%(eu)* tomei a decisão certa.

O desafio, portanto, é desenvolver uma análise que, em primeiro lugar, explique por que PB permite hiperálçamento e, em segundo lugar, que capture distinções como as exemplificadas em (52). Este é o tópico da próxima seção.

3. DERIVANDO HIPERÁLÇAMENTO EM PB

3.1. Por que hiperálçamento em PB não viola a Condição de Atividade

De acordo com a Condição de Atividade de Chomsky (2000, 2001), para que uma relação de concordância ou movimento possa ser estabelecida, o alvo de uma sonda deve estar ativo no sentido de ter traços não-interpretáveis para serem checados/valorados. Em se tratando de movimento-A, Caso é o traço relevante; portanto, a Condição de Atividade impede que DPs que já tenham seu traço de Caso checado/valorado possam sofrer movimento-A. Assim, a primeira pergunta que qualquer análise sobre hiperálçamento em PB deve responder é como o hiperálçamento do DP *o João* em (53a), por exemplo, satisfaz a Condição de Atividade, se aparentemente esse DP poderia ser licenciado com Caso (nominativo) na oração encaixada, como se vê em (53b).

53. a. [[O João]_i parece [que *t_i* vendeu o carro]]
 b. [Parece [que [o João] vendeu o carro]]

Tendo em conta que a checagem de Caso no modelo de Agree de Chomsky (2000, 2001) é dependente da concordância dos traços- ϕ do DP relevante com uma sonda contendo um conjunto “completo” de traços- ϕ , Ferreira (2000) propôs que, com o enfraquecimento da concordância verbal em PB, T finito passou a ser associado lexicalmente com um conjunto completo ou incompleto de traços- ϕ . Na derivação de (53a), por exemplo, T encaixado está associado com um conjunto incompleto de traços- ϕ e T matriz, com um conjunto completo. O DP *o João* então permanece com seu Caso ativo na oração encaixada e pode entrar numa relação de concordância com T matriz, deslocar-se para o [Spec,TP] da matriz e ter seu traço de Caso licenciado. Já em (53b), tanto T matriz quanto encaixado estão associados a um conjunto completo de traços- ϕ . *O João*, portanto, tem seu Caso licenciado na oração encaixada e, em consonância com a Condição de Atividade, não se move para o [Spec,TP] da matriz, que presumivelmente é ocupado por um expletivo nulo.

Note-se que a forma do verbo *vendeu* em (53a) e (53b) se mantém inalterada independentemente se se postula que T está associado com um conjunto completo ou com um conjunto incompleto de traços- ϕ , o que poderia ser considerado potencialmente problemático. No entanto, a noção de conjunto completo de traços- ϕ de Chomsky (2000, 2001), de fato, equivale a um conjunto envolvendo número e pessoa; os traços de gênero e número de um T participial, por exemplo, são tidos como correspondentes a um conjunto incompleto de traços- ϕ , incapaz de checar/valorar um traço de Caso. Nunes (2008, 2019) implementa a proposta de Ferreira com base nessas considerações, propondo que em PB tanto o núcleo T de sentenças finitas quanto o núcleo T de infinitivos flexionados podem estar associados aos traços de número e pessoa, ou somente ao traço de número. Sendo assim, a gramaticalidade ou agramaticalidade de estruturas envolvendo T com apenas traço de número vai depender da especificação morfológica do sujeito de T, bem como das regras de correspondência morfológica para a concordância verbal em PB. Em relação ao primeiro ponto, Nunes (2019, 2020) argumenta que o enfraquecimento da concordância nominal em PB, ilustrada em (54a) abaixo (*cf. e.g. Scherre 1988, 1994*) afetou a especificação morfológica das expressões nominais do PB como um todo, incluindo os pronomes. Mais especificamente, Nunes observa que a ausência de marcação morfológica de número em PB não pode ser interpretada como um morfema zero de singular; do contrário, teríamos uma inconsistência em (54a) com o determinante no plural e o substantivo no singular e em (54b), com um “singular nu”, teríamos a interpretação de que João leu um único livro, o que não é necessariamente o caso (*cf. e.g. Saraiva 1997, Schmitt e Munn 2002, Müller e Oliveira 2004, Lopes 2005, Ferreira 2010 e Cyrino e Espinal 2015*).

54. a. aquelas avenida larga
b. João leu *livro* nas férias.

Generalizando essa observação para todas as especificações nominais, Nunes (2019, 2020) propõe que em PB os atributos de pronomes só são especificados com um valor se estiverem associados com um morfema de concordância, como apresentado na segunda coluna da Tabela 1 abaixo, exemplificada com o verbo *trabalhar* no presente do indicativo.

Pronomes nominativos	Especificação morfológica	Presente do indicativo
<i>eu</i>	P.N:SG	<i>trabalho</i>
<i>você</i>	P - N	<i>trabalha</i>
<i>ele</i>	P - G:MASC - N	
<i>ela</i>	P - G:FEM - N	
<i>a gente</i>	P.N	
<i>nós</i>	P.N:1	<i>trabalhamos</i>
<i>vocês</i>	P - N:PL	<i>trabalham</i>
<i>eles</i>	P - G:MASC - N:PL	
<i>elas</i>	P - G:FEM - N:PL	

Tabela 1: Especificação morfológica e concordância verbal

De acordo com a Tabela 1, os pronomes *você*, *ele*, *ela* e *a gente* não têm valor nem para o seu traço de pessoa, nem para o seu traço de número; *vocês*, *eles* e *elas* têm valor para o seu traço de número, mas não para seu traço de pessoa; *eu* tem valor para o traço de número, que se apresenta fundido ao traço de pessoa; e *nós* tem valor para o traço de pessoa, que se apresenta fundido ao traço de número. Essas especificações têm consequências para hiperalçamento. Se o sujeito de um T contendo apenas traço de número for o pronome *você*, *ele*, *ela* ou *a gente*, vai haver concordância via *matching* entre os traços de número de T e do sujeito, mas T não vai ter seu traço de número valorado pelo traço de número do sujeito, já que este não dispõe de valor. Assumamos, então, que ocorre valoração *default* se a concordância envolver apenas *matching* de atributos. No caso em questão, T vai ter uma realização *default* no componente morfológico quando seu sujeito for *você*, *ele*, *ela* ou *a gente* (cf. *trabalha* na Tabela 1). O sujeito, por sua vez, não vai ter seu traço de Caso valorado e pode então se mover para a oração subordinante, como em (55) abaixo, resultando numa construção de hiperalçamento bem formada. Os traços de número e pessoa do pronome hiperalçado não são capazes de valorar os traços de T matriz, que também assume uma forma *default*, mas o pareamento desses traços via *matching* é suficiente para valorar o Caso do pronome como nominativo.

55. a. {Você/ele/ela/a gente} parece que trabalha muito.
 b. [{Você/ele/ela/a gente}_[P - N] T_[P:dfit, N:dfit] parece- que [t T_[N:dfit] trabalha- muito]

O mesmo tipo de derivação ocorre com os pronomes *vocês*, *eles* e *elas*, sendo a única diferença relevante que o traço de número tanto de T matriz, quanto de T encaixado é valorado como plural e realizado como o morfema *-m*, como esquematizado em (56).

56. a. {Vocês/eles/elas} parecem que trabalham muito.
 b. [{Vocês/eles/elas}_[P - N:PL] T_[P:dfit, N:PL] parece- que [t T_[N:PL] trabalha- muito]

Já quando o pronome é *nós*, não há derivação convergente para uma construção de hiperalçamento de sujeito. Para que haja hiperalçamento, T da oração encaixada deve ter apenas um traço de número, como esquematizado em (57a) abaixo. *Nós*, no entanto, tem seus traços de pessoa e número fundidos e valorados como 1 (cf. Tabela 1). Assim, não há nem concordância via *matching* de atributos (o traço de número de *nós* se encontra fundido ao traço de pessoa),

nem concordância de valores (1 não é um valor possível para o traço de número de T). O problema da sentença em (57b), portanto, não é o hiperalçamento em si; como *nós* não tem seu traço de Caso checado/valorado na encaixada em (57a), está apto para se mover, em consonância com a Condição de Atividade. O problema com (57b) é que não há como obter a forma *trabalhamos* na encaixada com T detendo apenas traço de número. Por outro lado, se o T encaixado tiver traços de número e pessoa, a forma *trabalhamos* pode ser derivada, mas nesse cenário *nós* tem seu Caso valorado e a Condição de Atividade o impede de se mover para [Spec,TP] da matriz. Em outras palavras, independentemente de T encaixado ter traços de número e pessoa ou apenas número em (57a), não há um resultado convergente que gere (57b). Finalmente, como não há concordância via *matching* de atributos, não ocorre valoração *default* para traço de número de T em (57a), o que exclui sentenças com (57c), com o verbo da encaixada com realização *default*¹³.

57. a. [T_[P:u, N:u] parece- que [nós_[P:N:1] T_[N:u] trabalha- muito]
 b. *Nós parecemos que *trabalhamos* muito.
 c. *Nós parecemos que *trabalha* muito.

Por fim, hiperalçamento com *eu*, como ilustrado em (58a) abaixo, não produz julgamentos uniformes entre os falantes. Alguns falantes tratam (58a) como (57b), como esquematizado em (58b). Ou seja, o traço de número de T em (58b) não pode concordar via *matching* de atributos com o traço de número de *eu* pois ele se encontra fundido ao traço de pessoa; uma vez que T encaixado não tem seu traço de número valorado, a derivação fracassa. Outros falantes parecem atentar mais para o valor do conglomerado de traços de *eu*. Sendo SG um valor possível para o traço de número de T, o sujeito e T podem entrar numa relação de concordância em relação a esse valor, valorando seu traço de número, como esquematizado m (58b'), o que permite que a forma *trabalho* na encaixada possa ser derivada. *Eu* então se move para a oração matriz, onde valora seu traço de Caso através da concordância com T com traços de número¹⁴.

¹³ Agradeço a Andrés Saab (p.c.) por ter me chamado a atenção para este ponto.

¹⁴ O parecerista faz a seguinte pergunta acerca de (57) e (58): “Se a análise proposta estiver correta e se sujeito nulo em PB é derivado via *A-move*, então como explicar os dados abaixo são perfeitos?”

- (i) a. Eu já disse que comprei a bicicleta dele.
 b. Nós te avisamos que não vamos trabalhar.

De acordo com a proposta do texto, os falantes se dividem em relação a (ia). Falantes que permitem que T portando apenas número entre em concordância com *eu*, como deve ser o caso do parecerista, vão admitir movimento-A a partir da encaixada, permitindo portanto, sentenças como (ia). Outros falantes, entre os quais eu me incluo, vão sempre preferir a versão com um pronome realizado, como em (ii) abaixo. Para esses falantes, a morfologia do verbo da encaixada só pode ser obtida a partir de concordância com T com número e pessoa, que atribui Caso e congela o sujeito para efeito de movimento-A. Já em relação a (ib), movimento é uma opção descartada no modelo pelas razões apresentadas no texto, mas há ainda a opção de elipse pronominal para o sujeito da encaixada (cf. Nunes 2020, Martins e Nunes a sair e Kato, Martins e Nunes a sair). Assim, falantes que não admitem (57) vão perfeitamente aceitar (ib). Crucialmente, em (ib) cada sujeito pode receber um papel temático independente, ao contrário do que ocorre em (57).

- (ii) Eu já disse que eu comprei a bicicleta dele.

O parecerista também chama a atenção para a aceitabilidade (em seu julgamento) das sentenças em (iii) abaixo. Como explicado no texto e no parágrafo acima acerca de (ia), há variação idioletal em relação a hiperalçamento de *eu*. De acordo com a proposta advogada aqui, os falantes que admitem (iiia) devem permitir concordância de T_[N:u] com *eu*, apesar de os traços de pessoa e número do pronome se encontrarem fundidos. Já (iiib) não deveria envolver hiperalçamento pelas razões descritas no texto. Note-se, entretanto, que o contexto da pergunta e o gerúndio em (iiib) sugerem fortemente que o verbo da matriz esteja sendo interpretado em termos de aparência

58. a. %Eu pareço que trabalho muito.
 b. *[T_[P:u, N:u] parece- que [eu_[P.N:SG] T_[N:u] trabalha- muito]
 b'. [T_[P:u, N:u] parece- que [eu_[P.N:SG] T_[N:SG] trabalha- muito]

Evidência independente para essa abordagem é fornecida por construções de hiperalçamento em tempos verbais que não dispõem de um morfema específico para a concordância verbal com *eu*, como o pretérito perfeito do indicativo ou o infinitivo flexionado, como ilustrado em (59) abaixo. Mesmo falantes que não admitem (58a) (entre os quais eu me incluo) admitem sentenças como as de (59). Martins e Nunes (a sair) e Kato, Martins e Nunes (a sair) argumentam que, tanto em PE quanto em PB, os tempos que não dispõem de morfema específico para concordância com *eu* sofrem uma operação de empobrecimento morfológico (cf. Bonet 1991) que apaga a especificação de número em T. Esse apagamento aplicado a um T apenas com traço de número nulifica o problema observado em (58b), permitindo uma derivação convergente para sentenças com hiperalçamento de *eu*, como em (59). Note-se, entretanto, que empobrecimento nesses tempos verbais só afeta a concordância com *eu*. Portanto, construções com hiperalçamento de *nós* nesses tempos produzem o mesmo padrão de inaceitabilidade que (57), como ilustrado em (60).¹⁵

59. a. Eu_i parecia que t_i trabalhava muito.
 b. Eu_i sou fácil de t_i trabalhar muito.
 60. a. *Nós_i parecíamos que t_i trabalhávamos muito.
 b. *Nós_i somos fáceis de t_i trabalharmos muito.

Hiperalçamento de tópico é menos sensível à concordância verbal na encaixada, como vimos na seção 2.10. De acordo com a análise oferecida acima, isso é totalmente esperado pois o elemento hiperalçado não é responsável pela concordância da oração encaixada. Assim, falantes que refutam (58a) e (60a), por exemplo, registram uma sensível melhora de aceitabilidade em relação às sentenças análogas de (61) abaixo. A presença expressa de um sujeito na oração encaixada de (61a) e (61b) indica que T encaixado está associado com número e pessoa e, por isso, o problema de incompatibilidade de traços detectado em (57a) e (58b) não aparece¹⁶.

física, atribuindo papel temático ao seu sujeito. A ser assim, (iiib) não se configura como uma estrutura de hiperalçamento, podendo ser analisada em termos de elipse pronominal, como (ib).

- (iii) a. Por acaso, eu pareço que tô de barriga para cima?
 b. Por acaso, nós estamos parecendo que trabalham muito?

¹⁵ O parecerista pergunta como explicar casos sem hiperalçamento como (i) abaixo. (i) não difere de uma derivação análoga em PE.

Crucialmente, a operação de empobrecimento de Bonet (1991) se aplica no componente morfológico ou pelo menos depois de Agree, como sugerido em Nunes (2020) e Kato, Martins e Nunes (a sair). Assim, na derivação de (i), um T com traços de pessoa e número concorda com *eu*, atribui-lhe Caso e o pronome se superficializa como o sujeito da oração encaixada.

- (i) Parece que eu trabalhava demais lá na fazenda

¹⁶ Cito aqui, *ipsis litteris*, uma crítica do parecerista ao conteúdo desta seção: “Sobre a análise proposta: Qual a evidência independente de que o T no PB pode ter ou não um conjunto de traços-□ incompleto? É meio suspeito quando apenas o que se que explicar é usado para justificar a análise proposta.”

Os estudos sobre o sujeito nulo do PB nas décadas de 80 e 90 concentraram-se sobre estruturas como (2a) e documentaram uma série de propriedades que afastava o PB das línguas *pro-drop* e, em particular, do PE. Dentro

61. a. [Eu_i pareço que [_{t_i} [eu trabalho muito]]]
 b. ?[Nós_i parecemos que [_{t_i} [nós trabalhamos muito]]]

3.2. Por que hiperalçamento não viola a Condição de Impenetrabilidade das Fases

Vejamos agora como hiperalçamento de sujeito e hiperalçamento de tópico satisfazem a Condição de Impenetrabilidade das Fases de Chomsky (2001), definida em (62).

62. Condição de Impenetrabilidade das Fases (Chomsky 2001: 14):
 O domínio do núcleo H da fase forte HP não está acessível na menor fase forte ZP que domina HP; somente H e sua borda estão acessíveis para tais operações.

Relevante para as nossas considerações é a fase de CP que domina a posição de onde hiperalçamento é deslanchado. No caso de hiperalçamento de sujeito, a situação é mais simples, pois um CP selecionando um T com um conjunto incompleto de traços- ϕ deveria funcionar como uma fase fraca (*cf.* Ferreira 2000), da mesma maneira que um ν associado com um conjunto incompleto de traços- ϕ (mais ainda, se os traços- ϕ de T são herdados de C, como em Chomsky (2008)). Assim, o hiperalçamento de sujeito esquematizado em (63) satisfaz vacuamente a Condição de Impenetrabilidade das Fases, porque CP é uma fase fraca.

63. [TP DP_i T_[P:v, N:v] ... [CP_[fase fraca] que [_{t_i} T_[N:v] ...]]]

Já no caso de hiperalçamento de tópico, o CP encaixado é uma fase forte (T é associado com pessoa e número), mas, como demonstram Martins e Nunes (2010), o movimento do tópico ocorre antes de outro núcleo de fase forte ser adicionado à estrutura e desencadear Transfer do complemento de C encaixado. Se *parecer* for o verbo da oração subordinante, por exemplo, o complemento de *que* só vai sofrer Transfer quando a estrutura de (64) abaixo se tornar complemento de um C nucleando uma fase forte. Portanto, mesmo o CP encaixado de uma construção de hiperalçamento de tópico sendo uma fase forte, o movimento a partir da posição

do quadro teórico do modelo de Agree de Chomsky (2000, 2001), uma única especificação em T proposta por Ferreira (2000), a saber, que T finito em PB podia ser associado a um conjunto completo ou incompleto de traços- ϕ , mostrou-se capaz de explicar essas propriedades. Em particular, essa proposta permitiu explicar por que o sujeito nulo do PB (i) requer um antecedente c-comandante local; (ii) está sujeito a efeitos de ilha; (iii) está restrito a leituras *de se*; (iv) desencadeia leitura *sloppy* sob elipsis; (v) tem leitura de variável quando associado a uma expressão quantificada; (vi) não está sujeito à aplicação do princípio Evite Pronome; e (vii) não exibe efeitos da Restrição de Montalbetti. Além disso, essa especificação permitiu também explicar por que PB admite hiperalçamento. Também digno de nota é o fato de que propriedades gerais do sistema excluam resultados indesejados de sobregeração que pudessem surgir em função de se permitir essa opcionalidade no sistema. Nunes (2008, 2019), por sua vez, mostrou como a morfologia de concordância verbal em PB permitia uma análise em termos de especificações de pessoa e número ou apenas número, adicionando sustentação morfológica para proposta de Ferreira. Por fim, como apresentado sucintamente nesta seção, Nunes (2008, 2016, 2019, 2020) mostra que a postulação de T com traço de número permite explicar o intrincado panorama de diferentes graus de aceitabilidade que é encontrado em estruturas de hiperalçamento (e controle finito) a depender do pronome específico a ser movido, do tempo verbal da oração encaixada e se se trata de hiperalçamento de sujeito ou de tópico.

Creio que este breve resumo, aliado ao amplo e diversificado material empírico discutido neste artigo, seja suficiente para deixar claro que a avaliação do parecerista está algo descalibrada. Deixo, obviamente, a avaliação final para o leitor.

de tópico da oração subordinada ainda está em conformidade com a Condição de Impenetrabilidade das Fases em (62).

64. $[_{TP} DP_i [_{VP}[_{fase\ fraca}] parece [_{CP}[_{fase\ forte}] que [t_i T_{[P:v, N:v]} \dots]]]$

3.3. A relevância de Caso inerente para hiperalçamento

Além das restrições quanto ao tipo de sujeito que pode ser alçado, como vimos na seção 3.1, hiperalçamento em PB também exhibe restrições quanto ao tipo de predicado que permite hiperalçamento. Por um lado, nem todo predicado “impessoal” admite hiperalçamento. A passiva do verbo *descobrir* ou o adjetivo *ilegal* em (65) abaixo, por exemplo, não permitem hiperalçamento. Por outro lado, os falantes não convergem de modo uniforme na classe de predicados que admitem hiperalçamento. Modesto (2011), por exemplo, reporta que construções de hiperalçamento com *perigar*, como em (66a), são inaceitáveis em seu julgamento, enquanto Duarte (2007) registra dados com *ter tempo que*, como (66b), que não são aceitáveis no meu julgamento.

65. a. *[[Esses deputados]_i não foram descobertos [que t_i receberam propina]]
 b. *[[As pessoas]_i são ilegais (de) [t_i fumarem em espaço público]]
66. a. %[Essas previsões pessimistas]_i perigam [que t_i se tornem reais em breve]]
 b. %[Eu]_i já tenho uma semana [que [t_i [eu não lavo a cabeça]]] (PEUL-2000, adaptado de Duarte 2007)

Nunes (2008) propõe uma análise que captura esses dois tipos de restrição. Como hiperalçamento é um fenômeno translinguisticamente marcado, é natural assumirmos que sua impossibilidade seja a norma e sua possibilidade, a exceção. Assumindo com Chomsky (2008) que os traços- ϕ que aparecem associados a T são, na verdade, gerados em C, Nunes (2008) argumenta que os traços- ϕ de C induzem um efeito de minimalidade para uma relação sonda-alvo para traços- ϕ cruzando C, como esquematizado em (67). Explica-se, assim, por que hiperalçamento geralmente produz resultados inaceitáveis, como se vê em (65).

67. $[_{P_\phi} \dots [C_\phi [_{DP_\phi}$
 |_____*____|

Já o caso excepcional em que hiperalçamento é permitido é assimilado por Nunes (2008) a outro caso de anulação de efeito de minimalidade bem conhecido na literatura, a saber, construções de alçamento em inglês em que um sujeito encaixado cruza um experienciador na matriz, como ilustrado em (68) abaixo. Chomsky (1995) sugere que *Mary* em (68) recebe Caso inerente de *seem*, realizado morfológicamente pela preposição *to*. Uma vez marcado com Caso inerente, o experienciador não pode se mover para [Spec,TP] para satisfazer o EPP, nem bloqueia o movimento do sujeito encaixado.

68. $[_{VP} [_{VP} seems_k-v [_{VP} [to Mary] [_v t_k [_{TP} t_i to be smart]]]]]$

Nunes (2008) propõe que o mesmo tipo de desativação de um elemento interveniente ocorre em construções de hiperalçamento. Mais especificamente, predicados que admitem hiperalçamento atribuem Caso inerente ao seu complemento CP, desativando-o para efeito de

movimento-A e tornando seu núcleo invisível para cômputo de minimalidade para movimento-A. Essa abordagem, portanto, explica por que há uma competição entre a oração encaixada e seu sujeito em relação ao movimento para a posição de sujeito da oração subordinante: hiperalçamento só é possível se a oração subordinada não puder se mover para [Spec,TP] da oração subordinante, como ilustrado em (69) e (70). Os traços- ϕ de C tornam CP um alvo mais local que seu sujeito para efeito de movimento-A (cf. (70)); por outro lado, se CP e seu núcleo se tornarem invisíveis por receberem Caso inerente, o sujeito encaixado se torna o alvo mais local para estabelecer relações-A com elementos da oração subordinante (cf. (69)).

69. a. *[[Que [esses deputados] receberam propina]_i parece t_i]
 a'. [[Esses deputados]_i parecem [que t_i receberam propina]]
 b. *[[D[esses professores] elogiarem os alunos]_i é difícil t_i]
 b'. [[Esses professores]_i são difíceis [de t_i elogiarem os alunos]]
70. a. [[Que [esses deputados] receberam propina]_i não foi descoberto t_i]
 a'. *[[Esses deputados]_i não foram descobertos [que t_i receberam propina]]
 b. [[[As pessoas] fumarem em espaço público]_i é ilegal t_i]
 b'. *[[As pessoas]_i são ilegais (de) [t_i fumarem em espaço público]]

No caso de infinitivos flexionados, a atribuição de Caso inerente tem reflexos em PF. Nunes (2008) mostra que infinitivos flexionados selecionados por predicados que permitem hiperalçamento podem ser opcionalmente precedidos por uma preposição, como exemplificado em (71a) e (71b). Crucialmente, a preposição não pode estar presente se o infinitivo se move (cf. (71a') e (71b')) e não pode estar ausente se o sujeito encaixado se move (cf. (71a'') e (71b'')). Isso pode ser explicado se as preposições *de* e *para* em (71), como *to* em (68), são realizações morfológicas do Caso inerente atribuído pelo predicado da matriz.

71. a. [Está bem fácil [(*d*)esse corrupto ser reeleito]].
 a'. [(**D*)esse corrupto ser eleito]_i está bem fácil t_i]]
 a''. [[Esse corrupto]_i está bem fácil [*(de)* t_i ser reeleito]]
 b. [Estava previsto [(*para*) as aulas recomeçarem no próximo semestre]
 b'. [[*(*Para)* as aulas recomeçarem no próximo semestre]_i estava previsto t_i]
 b''. [[As aulas]_i estavam previstas [*(para)* t_i recomeçarem no próximo semestre]]

Nessa perspectiva, o fato de haver variação entre os falantes em relação a quais predicados admitem hiperalçamento (cf. (66), por exemplo) não é inesperado. Uma vez que Caso inerente está associado a propriedades lexicais idiossincráticas, essa variação presumivelmente resulta de os falantes necessitarem de evidência positiva robusta para postularem propriedades idiossincráticas para itens lexicais individuais e a experiência linguística relevante não ser uniforme para cada item lexical.

3.4. A relevância de EPP para hiperalçamento

Se Caso inerente anula a intervenção de C para relações-A, deveríamos em princípio esperar que construções envolvendo concordância entre um verbo que permite hiperalçamento e o sujeito da encaixada fossem aceitáveis mesmo sem hiperalçamento. Nunes (2017) mostra, no entanto, que esse não é o caso, como ilustrado em (72).

72. *[*Parecem* [que [os professores] entraram em greve]]

Assumindo com Chomsky (2001) que verbos acusativos, passivizados e de alçamento são dominados por uma camada de vP, cujo núcleo tem um conjunto “incompleto” de traços- ϕ , Nunes (2017) argumenta que essa camada extra de traços- ϕ é responsável por induzir um efeito de minimalidade, como esquematizado em (73).

73. $[C_{\phi} \dots [vP v_{\phi} [VP \text{ parece-} [CP C_{\text{Caso inerente}} [DP_{\phi} \dots]]]]]$
 |-----*-----|

Sendo assim, o problema agora parece ser como explicar por que (74) abaixo – a versão de (72) com hiperalçamento – é aceitável, já que a camada de vP na oração matriz deveria induzir um efeito de minimalidade.

74. [[os professores]_i *parecem* [que *t_i* entraram em greve]]

O problema desaparece, no entanto, se checagem de EPP for independente de checagem de traços- ϕ , como na análise padrão de estruturas de alçamento (cf. (68)), e se os traços- ϕ oracionais são associados a C, como em Chomsky (2008). O movimento do sujeito da encaixada para o [Spec,TP] para checar o EPP de T não encontra nenhuma barreira de minimalidade e, quando C da matriz é adicionado à estrutura, não há nenhuma camada de traços- ϕ intervindo entre C e o DP sujeito, como simplificada e representado em (75).

75. $[CP C_{\phi} [TP DP_{\phi} T_{EPP} [vP v_{\phi} [VP \text{ parece-} [CP C_{\text{Caso inerente}} [t \dots]]]]]$
 |---OK---|↑-----|

3.5. Sobre os problemas de intervenção

Como mencionado na seção 2.9, Ferreira (2000) observa que um constituinte interrogativo no [Spec,CP] de uma interrogativa indireta bloqueia o movimento do sujeito da encaixada para [Spec,vP] da matriz se for um argumento, mas não se for um adjunto, como ilustrado em (46), repetido abaixo em (76).

76. a. ??[[O João]_i não [t_i sabe [[*que livro*]_k [t_i comprou t_k na semana passada]]]]
 b. [[O João]_i não [t_i sabe [*quando*]_k [t_i leu esse livro t_k]]]]

Vimos também que Nunes (2010) levanta problemas para essa análise da marginalidade de (76), tendo em vista que o aparente passo derivacional problemático envolvendo o movimento do sujeito cruzando [Spec,CP] preenchido em (76) é executado também em outras construções, sem gerar um efeito de intervenção, como ilustrado em (49), repetido abaixo como (77). Valendo-se do fato de que a intervenção de um tópico na encaixada produz maior grau de inaceitabilidade tanto em relação a controle finito (cf. Ferreira 2000) quanto a hiperalçamento,

como ilustrado em (78), Nunes (2010) sugere que um C interrogativo em PB seleciona obrigatoriamente uma projeção de tópico e o movimento de um constituinte interrogativo passa pelo [Spec,TopP] antes de alcançar [Spec,CP]. Nessa perspectiva, o responsável pela inaceitabilidade de (76a) seria o vestígio de *que livro* no [Spec,TopP].

77. a. [_{CP} [O *que*]_i [_{TP} [o João]_k [_{vP} *t_k* disse [_{CP} *t_i* *que* [_{TP} *t_k* *comeu t_i*]]]]]]]
 b. [_{CP} [O *que*]_i [_{TP} [o João]_k [_{vP} *parece* [_{CP} *t_i* *que* [_{TP} *t_k* *comeu t_i*]]]]]]]
 78. a. *[[O João]_i [*t_i* disse *que* [*esse livro*], *t_i* leu na semana passada]]]
 b. *[[O João]_i *parece* [*que* [*o bolo*], *t_i* *comeu*]]]

Há, no entanto, razões para questionar essa abordagem. Em primeiro lugar, como mencionado por Nunes (2010), o contraste entre (76a) e (77) é replicado em construções análogas envolvendo um constituinte interrogativo não-*D-linked* como *que diabo*, que, em princípio, deveria ser incompatível com uma projeção de tópico:

79. a. ??[[O João]_i não [*t_i* sabe [*que diabo*]_k [*t_i* *comeu t_k*]]]]
 b. [_{CP} [*Que diabo*]_i [_{TP} [o João]_k [_{vP} *t_k* disse [_{CP} *t_i* *que* [_{TP} *t_k* *comeu t_i*]]]]]]]
 c. [_{CP} [*Que diabo*]_i [_{TP} [o João]_k [_{vP} *parece* [_{CP} *t_i* *que* [_{TP} *t_k* *comeu t_i*]]]]]]]

Elementos focalizados entre CP e TP também impedem o movimento-A do sujeito encaixado, como ilustrado em (80):

80. a. *[[O João]_i [*t_i* disse *que* [*só esse livro*], *t_i* leu na semana passada]]]
 b. *[[O João]_i *parece* [*que* [*nem o bolo*], *t_i* *comeu*]]]

Uma primeira distinção entre (76a), (78), (79a) e (80), por um lado, e (77) e (79b-c), por outro, é que o constituinte cruzado é a cabeça da cadeia no primeiro caso, mas não no segundo. Se vestígios não contarem para efeito de minimalidade (*cf. e.g.* Chomsky 2008), explica-se por que há efeitos de intervenção no primeiro caso, mas não no segundo. Há ainda uma distinção adicional a ser feita no caso de ilhas interrogativas. Se a oração encaixada envolver um infinitivo não flexionado, a marginalidade detectada em (76a) e (79a) desaparece, como ilustrado em (81) abaixo. Pondo em outros termos, se oração interrogativa for infinitiva, o contraste argumento/adjunto detectado por Ferreira em (76) é eliminado.

81. a. [[O João]_i não [*t_i* sabe [*que capítulo*]_k [*t_i* estudar *t_k* para a prova]]]]]
 b. [[O João]_i não [*t_i* sabe [*que diabo*]_k [*t_i* fazer *t_k* numa situação como essa]]]]]
 c. [[O João]_i não [*t_i* sabe [*quando*]_k [*t_i* se inscrever para o concurso *t_k*]]]]]

A diferença fundamental entre (76a) e (79a), por um lado, e (81a-b), por outro, é que o núcleo C da oração encaixada está associado a traços-□ nas primeiras, mas não nas últimas. Tentativamente, gostaria de sugerir que essa diferença se reflete na rotulação (no sentido de Chomsky (2013, 2015)) do constituinte resultante da aplicação de Merge entre o sintagma-*wh* e o CP. No caso das sentenças de (81), o traço proeminente compartilhado pelos dois constituintes é o traço interrogativo Q, que permite então a rotulação do complemento do verbo principal

como Q. Já no caso das sentenças de (76a) e (79a), o sintagma-*wh* e CP têm como traços proeminentes traços- \square , além de Q. Suponha que, em função disso, o rótulo da projeção resultante seja Q/ \square . Se algo nessa direção estiver correto, em (76a) e (79a) vamos ter uma configuração de A-sobre-A (cf. Chomsky 1964) envolvendo Q/ \square e o sujeito encaixado, que também tem traços- ϕ proeminentes, mas não em (81), pois a interrogativa é rotulada apenas como Q. Assim, a interrogativa é transparente para o movimento do sujeito encaixado em (81), mas induz um efeito de A-sobre-A em (76a) e (79a). Observe-se que a rotulação resultante de Merge entre projeções máximas envolve compartilhamento de traços proeminentes. Assumindo que adjuntos como *quando* não tem traços- ϕ proeminentes, uma interrogativa indireta como *quando* em seu Spec vai ser rotulada apenas como Q e, portanto, não vai bloquear o movimento-A do sujeito encaixado quer a interrogativa seja infinitiva, como em (81c), quer seja finita, como em (76b).

Por fim, resta ainda por explicar o contraste entre hiperalçamento de sujeito e hiperalçamento de tópico em (82) abaixo, apontado por Martins e Nunes (2010), que aparentemente mostra que movimento-*wh* é bloqueado pelo vestígio de um tópico hiperalçado, à semelhança do que ocorre em (83). Crucialmente, se vestígios não induzem efeito de minimalidade, a sentença (82b) deveria ser tão aceitável como (77) e (79b,c), contrariamente aos fatos.

82. a. $[_{CP} [\text{Que livro}]_k [_{TP} [\text{os meninos}]_i \text{ parecem } [_{CP} t_k [\text{que } [_{TP} t_i \text{ leram } t_k]]]]]]?$
 b. $*[_{CP} [\text{Que livro}]_k [_{TP} [\text{os meninos}]_i \text{ parecem } [_{CP} t_k [\text{que } [_{TopP} t_i [_{TP} \text{ eles leram } t_k]]]]]]]]?$
83. $*[_{CP} [\text{Que livro}]_k [_{TopP} [\text{os meninos}] [_{TP} \text{ eles leram } t_k]]]]?$

Minha sugestão é que, no caso de (77) e (79b,c), o sistema já dispõe de informação, localmente determinada, de que o constituinte-*wh* em [Spec,CP] da encaixada não pode ser licenciado nesta posição, pois não se trata de um C interrogativo. Em outras palavras, o constituinte interrogativo no passo derivacional esquematizado em (84) vai ter de se mover e seu vestígio não vai bloquear o movimento do sujeito encaixado. Já no caso de (82b), o sistema não dispõe de informação local no passo derivacional esquematizado em (85) de que o tópico não vai ser licenciado na posição em que se encontra. Martins e Nunes (2010) argumentam que tópicos são licenciados com caso *default* na posição em que são gerados se não houver outra fonte de Caso a ser introduzida posteriormente. Em outras palavras, sem se lançar mão de *look-ahead*, o tópico no passo derivacional esquematizado em (85) conta como um elemento interveniente apropriado, bloqueando o movimento do constituinte interrogativo.

84. $[_{TP} \dots [_{CP} WH [_C C_{Decl} [_{TP} DP \dots]]]]$
 \uparrow OK
- $[_{CP} [_C [_{TopP} DP [_{TP} DP [_{VP} WH \dots]]]]]$
 \uparrow $*$

Finalmente, gostaria de mencionar um problema potencial que não é restrito à análise de hiperalçamento oferecida acima, mas que está presente em qualquer análise que assume com Chomsky (2008) que os traços- ϕ oracionais são gerados em C. Um DP focalizado ou topicalizado numa oração encaixada, como ilustrado em (86) abaixo, por exemplo, deveria em princípio bloquear a concordância entre C e o DP na posição de sujeito, fazendo com que o sujeito violasse a Teoria de Caso. No caso das construções de hiperalçamento de tópico em PB,

poderíamos argumentar que o problema é apenas aparente, se assumirmos, como acima, que vestígios não induzem efeito de minimalidade. Ao ser hiperalçado, o tópico deixa de contar como um elemento interveniente entre C e o sujeito encaixados. Mas essa resposta não se estende obviamente ao caso geral exemplificado em (86), em que (*só*) *esse livro* claramente intervém entre esses dois constituintes.

86. A Maria disse que (*só*) esse livro, o João leu.

Observe-se que (86) envolve não só C, mas mais projeções funcionais da periferia esquerda no sentido de Rizzi (1997). O problema apresentado por (86), portanto, desaparece se os traços- ϕ oracionais forem gerados na categoria funcional da periferia esquerda mais próxima a TP (qualquer que seja ela). Dessa maneira, a operação de Agree entre a categoria funcional mais baixa e o sujeito não vai ser bloqueada por especificadores preenchidos na periferia esquerda, mas esses especificadores continuam bloqueando o movimento do sujeito pelas razões discutidas acima. Uma discussão mais apropriada dessa questão fica, no entanto, para outra ocasião.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções de hiperalçamento do PB têm despertado considerável atenção na literatura, pois aparentemente põem em xeque alguns dos pressupostos teóricos que têm norteado versões recentes do Programa Minimalista, como a Condição de Atividade e a Condição de Impenetrabilidade das Fases. O presente trabalho apresentou um panorama descritivo das propriedades desafiadoras que essas construções revelam e alinhavou uma análise que se vale de propriedades bem estabelecidas na literatura sobre o PB, como o enfraquecimento de sua concordância verbal e nominal, seu comportamento atípico enquanto língua de sujeito nulo e a proeminência de tópicos em sua gramática. Embora muitos dos detalhes técnicos da proposta careçam ainda de uma melhor formulação ou maior motivação, espero que a discussão tenha contribuído para o estabelecimento da base empírica que qualquer análise sobre hiperalçamento em PB deva contemplar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alexiadou, Artemis e Elena Anagnostopoulou. 1998. Parametrizing Agr: word order, verb-movement and EPP-checking, em *Natural Language and Linguistic Theory*, 16: 491-539.
- Barbosa, Pilar, Maria Eugênia Duarte e Mary A. Kato. 2005. Null subjects in European and Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 4: 11-52.
- Boeckx, Cedric, Norbert Hornstein e Jairo Nunes. 2010. *Control as movement*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Bonet, Eulàlia. 1991. *Morphology after syntax: Pronominal clitics in Romance*. Cambridge, Mass., MIT Working Papers in Linguistics.
- Cardinaletti, Anna e Michal Starke. 1999. The typology of structural deficiency: On the three grammatical classes, em Henk van Riemsdijk (org.), *Clitics in the languages of Europe: Empirical approaches to language typology*, Berlin, Mouton de Gruyter: 145-233.
- Chao, Wynn. 1983. The interpretation of null subjects: Brazilian Portuguese, em *Cahiers Linguistiques d'Ottawa*, 11: 69-74.
- Chomsky, Noam. 1964. *Current issues in linguistic theory*. The Hague, Mouton.
- Chomsky, Noam. 1995. *The minimalist program*. Cambridge, Mass., MIT Press.

- Chomsky, Noam. 2000. Minimalist inquiries: The framework, em Roger Martin, David Michaels e Juan Uriagereka (orgs.), *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, Cambridge, Mass., MIT Press: 89-155.
- Chomsky, Noam. 2001. Derivation by phase, em Michael Kenstowicz (org.), *Ken Hale: A life in language*, Cambridge, Mass., MIT Press: 1-52.
- Chomsky, Noam. 2008. On phases, em Robert Freidin, Carlos Otero e Maria Luisa Zubizarreta (orgs.), *Foundational issues in linguistic theory: Essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*, Cambridge, Mass., MIT Press: 133-166.
- Chomsky, Noam. 2013. Problems of projection, em *Lingua*, 130: 33-49.
- Chomsky, Noam. 2015. Problems of projection: Extensions, em Elisa Di Domenico, Cornelia Hamann e Simona Matteini (orgs.), *Structures, strategies and beyond: Studies in honour of Adriana Belletti*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 1-16.
- Cyrino, Sonia e Maria Teresa Espinal. 2015. Bare nominals in Brazilian Portuguese: More on the DP/NP analysis. *Natural Languages and Linguistic Theory*, 33: 471-521.
- Dobrovie-Sorin, Carmen. 1994. *The syntax of Romanian: Comparative studies in Romance*. Berlin, Mouton de Gruyter.
- Duarte, Maria Eugênia. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: A trajetória do sujeito no português do Brasil, em Ian Roberts e Mary A. Kato (orgs.), *Português brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp: 107-128.
- Duarte, Maria Eugênia. 1995. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Inédita.
- Duarte, Maria Eugênia. 2004. On the embedding of a syntactic change, em *Language Variation in Europe, Papers from ICLaVE 2*, Uppsala, Universitetstryckeriet: 145-155.
- Duarte, Maria Eugênia. 2007. Sobre outros frutos de um projeto herético: O sujeito expletivo e as construções de alçamento, em Ataliba de Castilho, Maria Aparecida Torres Morais, Ruth E. V. Lopes e Sonia Cyrino (orgs.), *Descrição, aquisição e história do português brasileiro*, Campinas, Pontes/FAPESP: 35-48.
- Dubinsky, Stanley e Robert Hamilton. 1998. Epithets as antilogophoric pronouns, em *Linguistic Inquiry*, 29: 685-693.
- Ferreira, Marcelo. 2000. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita.
- Ferreira, Marcelo. 2009. Null subjects and finite control in Brazilian Portuguese, em Jairo Nunes (org.), *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 17-49.
- Ferreira, Marcelo. 2010. The morpho-semantics of number in Brazilian Portuguese bare singulars, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 9: 95-116.
- Figueiredo Silva, Maria Cristina. 1996. *A posição do sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- Fujii, Tomohiro. 2007. Cyclic chain reduction, em Norbert Corver e Jairo Nunes (orgs.), *The copy theory on the PF side*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 291-326.
- Galves, Charlotte. 1987. A sintaxe do português brasileiro, em *Ensaios de Linguística* 13: 31-50.
- Galves, Charlotte. 1998. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro, em *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 34: 7-21.
- Galves, Charlotte. 2001. *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- Grosu, Alex e Julia Horvath. 1984. The GB theory and raising in Romanian, em *Linguistic Inquiry*, 15: 348-353.
- Holmberg, Anders, Aarti Nayudu e Michelle Sheehan. 2009. Three partial null-subject languages: A comparison of Brazilian Portuguese, Finnish, and Marathi, em *Studia Linguistica*, 63: 59-97.
- Hornstein, Norbert. 1999. Movement and control, em *Linguistic Inquiry*, 30: 69-96.
- Hornstein, Norbert. 2001. *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford, Blackwell.
- Kato, Mary A. 1999. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter, em *Probus*, 11: 1-37.
- Kato, Mary A., Ana Maria Martins e Jairo Nunes. A sair. *The syntax of Portuguese*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Kato, Mary A. e Esmeralda Negrão (orgs.). 2000. *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid/Frankfurt am Main, Iberoamericana/Vervuert.
- Lasnik, Howard. 1976. Remarks on coreference, em *Linguistic Analysis*, 2: 1-22.
- Lopes, Ruth E. V. 2005. Bare nouns and DP number agreement in the acquisition of Brazilian Portuguese, em *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*, Somerville, MA, Cascadilla Press, v. 1: 252-262.
- Müller, Ana e Fátima Oliveira. 2004. Bare nominals and number in Brazilian and European Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 3: 9-36.

- Martins, Ana Maria e Jairo Nunes. 2005. Raising issues in Brazilian and European Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 4: 53-77.
- Martins, Ana Maria e Jairo Nunes. 2009. Syntactic change as *chain reaction*: The emergence of hyper-raising in Brazilian Portuguese, em Paola Crisma and Giuseppe Longobardi (orgs.): *Historical syntax and linguistic theory*, Oxford, Oxford University Press: 144-157.
- Martins, Ana Maria e Jairo Nunes. 2010. Apparent hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with topics across a Finite CP, em Phoebos Panagiotidis (org.): *The complementiser phase: Subjects and operators*, Oxford, Oxford University Press: 142-163.
- Martins, Ana Maria e Jairo Nunes. A sair. Brazilian and European Portuguese and Holmberg's 2005 typology of null subject languages, em Sergio Baauw, Luisa Meroni e Frank Drijkoningen (orgs.), *Romance languages and linguistic theory, selected papers from 'Going Romance' 32*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Modesto, Marcello. 2000. *On the identification of null arguments*. Tese de Doutorado, University of Southern California, Los Angeles. Inédita.
- Modesto, Marcello. 2011. Finite control: Where movement goes wrong in Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 10: 3-30.
- Moreira da Silva, Samuel. 1983. *Études sur la symétrie et l'asymétrie sujet/objet dans le portugais du Brésil* Tese de Doutorado, Université de Paris VIII, Paris. Inédita.
- Negrão, Esmeralda. 1986. *Anaphora in Brazilian Portuguese complement structures*. Tese de Doutorado, University of Wisconsin, Madison. Inédita.
- Nunes, Jairo. 2008. Inherent Case as a licensing condition for A-movement: The case of hyper-raising constructions in Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 7: 83-108.
- Nunes, Jairo. 2010. A note on *wh*-islands and finite control in Brazilian Portuguese, em *Estudos da Língua(gem)*, 8: 79-103.
- Nunes, Jairo. 2015. Subespecificação de traços- ϕ e hiperalçamento em português brasileiro, em Cristina Figueiredo e Edivalda Araújo (eds.): *Diálogos com Ribeiro: Sobre gramática e história da língua portuguesa*, Salvador, Edufba: 121-148.
- Nunes, Jairo. 2016. Subject and topic hyper-raising in Brazilian Portuguese: A case study on reference sets for economy computations, em Mary A. Kato e Francisco Ordóñez (orgs.): *Morphosyntax of Spanish and Portuguese in Latin America*, Oxford, Oxford University Press: 107-134.
- Nunes, Jairo. 2017. Circumventing ϕ -minimality: On some unorthodox cases of A-movement in Brazilian Portuguese, em Ruth E. V. Lopes, Juanito Avelar e Sonia Cyrino (orgs.): *Romance languages and linguistic theory 12: Selected papers from the 45th Linguistic Symposium on Romance Languages*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 159-183.
- Nunes, Jairo. 2019. Remarks on finite control and hyper-raising in Brazilian Portuguese, em *Journal of Portuguese Linguistics*, 18: 1-50.
- Nunes, Jairo. 2020. Especificação morfológica de pronomes nominativos, concordância verbal e sujeitos nulos em português brasileiro, em *Fórum Linguístico* 17, n.^o especial: 4658-4672.
- Patel-Grosz, Pritty. 2012. *(Anti-)Locality at the Interfaces*. Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA. Inédita.
- Petersen, Maria Carolina. 2008. A tripartição pronominal e o estatuto das formas *cê*, *ocê* e *você*, em *D.E.L.T.A.*, 24: 283-308.
- Petersen, Maria Carolina. 2011. *O licenciamento do sujeito nulo em orações subjuntivas no português brasileiro: Contribuições para a Teoria de Controle por Movimento*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Pires, Acrísio e Will Nediger. 2018. (Hyper-)raising in Brazilian Portuguese and Spanish: Interaction between case and agreement, em Ana Lúcia Santos e Anabela Gonçalves (orgs.), *Complement clauses in Portuguese: Syntax and acquisition*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 187-212.
- Pontes, Eunice. 1987. *O tópico no português do Brasil*. Campinas, Pontes.
- Rizzi, Luigi. 1997. The fine structure of the left periphery, em Liliane Haegeman (org.), *Elements of grammar*, Dordrecht, Kluwer: 281-339.
- Rodrigues, Cilene. 2002. Morphology and null subjects in Brazilian Portuguese, em David Lightfoot (org.): *Syntactic effects of morphological change*, Oxford, Oxford University Press: 160-178.
- Rodrigues, Cilene. 2004. *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*. Tese de Doutorado, University of Maryland at College Park, College Park. Inédita.
- Rogers, Andy. 1971. Three kinds of physical perception verbs, em *Proceedings of the Chicago Linguistic Society*, 7: 206-218.

- Rooryck, Johan e João Costa. 2000. Pseudo-raising, em Johan Rooryck, *Configurations of sentential complementation: Perspectives from Romance languages*, London/New York, Routledge: 54-72.
- Saab, Andrés. 2016. On the notion of partial (non-) *pro*-drop in Romance, em Mary A. Kato e Francisco Ordoñez (orgs.), *The morphosyntax of Spanish and Portuguese in Latin America*, Oxford, Oxford University Press: 49-77.
- Saraiva, Maria Elizabeth. 1997. "Buscar menino no colégio": A questão do objeto incorporado em português. Campinas, Pontes.
- Scherre, Maria Marta. 1988. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Scherre, Maria Marta. 1994. Aspectos da concordância de número no português do Brasil, em *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português*, 12: 37-49.
- Schmitt, Cristina e Alan Munn. 2002. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese, em *Linguistic Variation Yearbook*, 2: 185-216.
- Terzi, Aronotho. 1997. PRO and null case in finite clauses, em *The Linguistic Review*, 14: 335-360.
- Ura, Hiroyuki. 1994. Varieties of raising and the feature-based bare phrase structure theory, em *MIT Working Papers in Linguistics 7*. Cambridge, Mass.: Massachusetts Institute of Technology.
- Uriagereka, Juan. 1995. Aspects of the syntax of clitic placement in Western Romance, em *Linguistic Inquiry*, 26: 79-124.